

DOCUMENTO OVALE

Especial

NÚCLEO DE JORNALISMO DE GRANDES REPORTAGENS -- EDIÇÃO Nº 6 -- DEZEMBRO DE 2018 -- REPORTAGEM: XANDU ALVES

MÃES DO CÁRCERE

Presas da **RMVale** cuidam dos filhos dentro de unidade prisional até que eles completem seis meses de vida. Depois, mãe e bebê separam-se

A noite é longa. Aos 22 anos, Daiana Reis embala o filho recém nascido e sabe o duro caminho que percorrerá para ser a mãe que o bebê precisa.

O menino lhe traz a alegria que o cárcere tomou. Ela é uma das 792 mulheres encarceradas na Penitenciária Feminina 2 de Tremembé, unidade pioneira no estado de São Paulo em oferecer acomodações especiais para presas grávidas.

Segundo especialistas, essas mulheres sofrem mais do que outras: a separação da família, a gestação entre as grades, o nascimento e a separação dos bebês. Um calvário que vai da alegria com o parto à desilusão da distância.

A lei determina que a presa fique com o bebê até os seis meses, para a amamentação. Depois disso, a criança é entregue para custódia provisória de familiares ou para abrigo pelo Estado.

“Já estou ficando louca por ter que me separar dela”, conta Aline Silva, 27 anos, mãe de uma menina de 20 dias que nasceu enquanto ela está presa na P2 de Tremembé. “Quando olho para ela sinto vontade

de de ir para casa”.

OVALE foi ao cárcere para conhecer a rotina dessas mulheres.

O que muda na vida delas na penitenciária com a chegada de um bebê. A dolorosa separação da criança. As promessas de mudança de vida. A fragilidade emocional. A esperança que um bebê traz à história das encarceradas.

Como diz Daiana, a “noite é longa”, os dias nem sempre são ensolarados e a caminhada é dura para quem é mãe no cárcere.

“Peço perdão para ele do que fiz. É tristeza, dor”, afirma Patrícia Reis, de 36 anos, também da P2 de Tremembé e que deu à luz o quarto filho.

Admitindo uma vida “nas drogas e no crime”, ela sonha em sair do cárcere e retomar a família. “Aqui é muito sofrimento. Somos como um inseto que nada pode fazer”.

Para entender o que se passa na vida dessas mulheres, **OVALE** também conversou com profissionais da saúde e um defensor público, que luta para que a lei seja cumprida e mulheres grávidas possam responder ao processo em casa, e não no cárcere. Essa história vale a pena ser contada. ■